

Comportamentos interativos mãe-filho(a) e pai-filho(a) aos 15 meses de vida.

Maria João Alves*, Marina Fuertes e Otilia Sousa*****

*Mestre em Ciências da Educação, especialidade em Intervenção Precoce - Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Lisboa

**Doutorada em Psicologia e Professora na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Lisboa

***Professora Coordenadora com Agregação da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Lisboa

* ir_maria_joao@hotmail.com

** marinaf@eselx.ipl.pt

*** otilias@eselx.ipl.pt

Resumo

Os comportamentos diádicos são os alicerces da qualidade da relação entre os pais e a criança, e estas relações precoces são determinantes para a organização da personalidade e para o desenvolvimento da criança. Neste estudo, pretendemos descrever os comportamentos diádicos detalhadamente e em seguida categorizá-los, no intuito de comparar os modos (tipo de jogo usado, respostas verbais, tipo de contato físico) e as funções (qualidade da comunicação) da interação mãe-filho(a) e pai-filho(a). Utilizamos uma amostra de 20 díades com bebês de 15 meses (5 meninos e 5 meninas), de termo e sem condições assinaláveis de risco. As díades foram filmadas em situação de jogo livre, mãe-filho(a) e pai-filho(a) independentemente. As interações transcritas (método de narrativas), submetidas a uma grelha de análise por nós construída, permitiram o estudo quantitativo e qualitativo das interações. Os resultados apontam para a existência de características diferentes nas interações dos pais e das mães quando brincam com os seus filhos, sendo as de

maior relevo: a) as mães utilizam mais a linguagem verbal que os pais; b) os pais utilizam mais a linguagem não-verbal que as mães; c) as mães têm uma comunicação não-verbal mais expressiva; d) as mães têm tendência para estruturar o ambiente de jogo; e) os pais têm tendência para dar instruções verbais sobre o funcionamento dos brinquedos.

Palavras-chave: Interações, Jogo, Linguagem, Mãe-filho(a), Pai-filho(a).

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento ocorre num determinado contexto próximo e alargado. Os processos proximais são formas duradouras de interação da criança no seu ambiente imediato (Aguiar, 2009) e serão mais influentes quando ocorrem regularmente, durante um período de tempo alargado, envolvendo a criança numa atividade que progressivamente se tornará mais complexa (Bronfenbrenner & Morris, 1998). As atividades em que a criança se envolve nos primeiros meses de vida são bastante simples e relativamente padronizadas (e.g. alimentação, conforto, jogo) e acontecem com pessoas que têm um papel importante no seu bem-estar e desenvolvimento. Mas à medida que as características da criança vão mudando, como também mudam as características das pessoas, objetos ou símbolos que interagem com ela, a própria interação muda. Numa recente formulação acerca da mudança, Bronfenbrenner & Evans (2000) referem que esta tanto pode ser efetuada numa só direção da interação (i.e. pessoa-contexto ou contexto-pessoa), como em ambas, separadamente no tempo ou em simultâneo.

Fuertes e colegas (2009), para ilustrar o processo de desenvolvimento apresentam a metáfora de uma dança entre dois parceiros. Na troca dos primeiros passos eles apreendem o elementar do seu aporte e do aporte do parceiro, a um ritmo lento, e à medida que os aportes de ambos se tornam interrelação e interdependência, tornam-se possíveis novos desafios (e.g. complexidade dos passos, ritmo, uso de objetos) provenientes da diáde relacional, ou de fatores exteriores que agem sobre ela. Experiências interativas repetidas nos contextos proximais, caracterizadas por laços afetivos fortes e duradouros, vão permitir à criança “aventurar-se” na exploração do meio, na manipulação e até na reorganização do mesmo. Os objetos (dimensão física) como posteriormente a linguagem (dimensão simbólica) vão permitir interações mediadas e progressivamente mais complexas em termos desenvolvimentais.

Sameroff e Fiese (2000) consideram “o desenvolvimento da criança como o produto das interações contínuas e dinâmicas da criança e da experiência providenciada pela sua família e contexto social (p. 142). Pais e filhos interagindo ao longo do tempo influenciam-se e são influenciados um pelo outro, sendo a qualidade da interação diádica fruto de um processo de mútua influência e adaptação. Tanto ambiente como indivíduo concorrem para o produto desenvolvimental, numa dinâmica contínua. Aplicando às interações precoces enquanto matriciais do desenvolvimento infantil, isto significa que o aporte que a criança traz para uma interação depende do aporte do ambiente para a mesma interação, e vice-versa, i.e. existem efeitos bidirecionais nos processos interativos.

Vinculação

Bowlby (1969/1982) definiu vinculação como um sistema comportamental, que tem por finalidade a proximidade espacial da criança com a figura de vinculação (geralmente a mãe), e cuja função biológica é de proteção do indivíduo e sobrevivência da espécie. O sistema comportamental de vinculação da criança funciona de modo interligado com o sistema comportamental parental (Bowlby, 1980), i.e., no desenrolar das interações com os pais a

criança forma uma representação interna das respostas parentais (uma para cada relação), que vai orientar o seu comportamento de vinculação. Os processos de vinculação estabelecem-se e manifestam-se em função da díade relacional em permanente articulação com as circunstâncias exteriores (Bowlby, 1982).

Ainsworth e colegas (1978) caracterizaram as diferenças no tipo de relacionamento afetivo pais-filhos e verificaram que estes se associavam aos comportamentos maternos nas atividades diárias com as crianças. Os comportamentos maternos interativos têm vindo a ser teoricamente organizados dentro de quatro constructos principais: sensibilidade, responsividade, diretividade e intrusividade (Aguar, 2009, p. 31) sendo a sensibilidade materna o mais estudado. O conceito de sensibilidade materna proposto por Ainsworth e colegas (1978) evoluiu de um constructo centrado na mãe, para um constructo centrado na díade (Crittenden, 1995), onde o comportamento de cada par é entendido no contexto interativo e pela consequência que tem no seu par e na interação. Alguns autores estudaram a relação afetiva entre pais e filhos em escalas construídas para o efeito, enquanto outros analisaram comportamentos específicos (e.g. sorrisos, olhares, vocalizações, comportamentos de afeto e toque, etc.).

Fuertes (2005) baseada no modelo de maturação dinâmica de Crittenden (1997) defende que todos os padrões de vinculação são *in senso lato* adaptativos. Porém, as estratégias de vinculação podem flexibilizar-se em termos individuais e de acordo com as condições ambientais: a organização do tipo de vinculação pode evoluir devido à maturação cerebral da criança e, quando as estratégias anteriormente utilizadas se revelam ineficazes: “Os tipos de vinculação não são apenas adaptativos em termos evolutivos, mas também comportam vantagens individuais” (Fuertes, 2012, p. 5). O padrão de vinculação manifestado é um padrão de organização mútua, fruto de adaptação diádica, em que mãe e filho interagem considerando as suas experiências anteriores.

Linguagem

Para Vigotsky (1978), a interação desempenha um papel crucial no desenvolvimento em geral e na aprendizagem da linguagem em particular. O autor defende como o simples apontar de um dedo começa por não ter significado e como se torna significativo à medida que o adulto reage ao gesto. Assim, a mediação do adulto é fundamental na construção da significação. Também Tomasello (2003, 2010) enfatiza a natureza cultural da aprendizagem da linguagem, salientando o papel da interação, da compreensão da intencionalidade e da construção (triádica) da referência.

Cameron-Faulkner e colegas (2003) defendem que descoberta de padrões e a imitação subjazem à aprendizagem da língua a partir dos usos partilhados da mesma. Os adultos revelam o seu papel de mediadores na simbolização quando interagem com a criança.

ESTUDO EMPÍRICO

O presente estudo exploratório teve como objetivo geral comparar os comportamentos interativos das mães e dos pais com os seus filho(a)s, aos de 15 meses de vida. Como objetivos específicos, visamos comparar as interações nas suas componentes afetivas verbais e não-verbais, em termos do tipo de jogo, e das dimensões do jogo.

MÉTODOS

Amostra

A amostra deste estudo foi retirada de um corpo de filmagens realizadas em 2008, em Angra do Heroísmo (Açores), no âmbito de uma investigação com vista ao Doutoramento realizada pela Doutora Anabela Faria. Seleccionamos aleatoriamente 20 díades - 10 mãe-filho(a) e 10 pai-filho(a) - 5 meninos e 5 meninas, com 15 meses de vida, bebés de termo e sem condições assinaláveis de risco. Salienta-se: a) todos os bebés são caucasianos, portugueses, índice de Apgar M = 7.67 (d.p =1.658) ao 1º minuto e M = 8.90 (d.p =1.792) ao 5º minuto; 5 parto distócico e 5 parto eutócico; b) todas as mães co-habitavam com os pais dos seus bebés, a escolaridade das mães M = 11.25 anos (d.p = 3.079) e dos pais M = 10.33 anos (d.p =3.822), e pelas profissões um estatuto de classe média ou média baixa; a idade das mães variou entre 19 e 43 anos (M = 29,58; d.p =7.501) e a dos pais entre 20 e 45 anos (M = 32; d.p =7.058); todos aceitaram bem a gravidez, e todas as mães foram obstetricamente vigiadas durante a mesma recebendo os devidos cuidados. As filmagens decorreram no gabinete clínico do Hospital do Espírito Santo (onde se recrutaram as famílias) ou no lar familiar, em função da escolha dos pais.

Procedimentos

A criança foi filmada em interação diádica com um dos progenitores - situação de jogo livre - seguindo-se o outro. Foi-lhes pedido que brincassem espontaneamente como faziam habitualmente. Os vídeos (3 minutos) foram transcritos sob forma de narrativas, organizadas em 6 colunas: tempo, comportamentos verbais do adulto, comportamentos verbais da criança, comportamentos não-verbais (adulto e criança), afetos e contexto. Na intensão de "captar" os comportamentos interativos das díades nesta fase do desenvolvimento - a vinculação segura já está estabelecida, emergem os comportamentos de exploração do mundo, e comportamentos de construção de significação - foi construída uma grelha com 7 categorias: **1** - Episódios: unidades coesas de jogo interativo; **2** - Sequências verbais interativas: interações onde um dos parceiros verbaliza ou vocaliza (e.g. *sequência simples*: Mãe - Como faz a vaquinha? R/: Muuu!; *sequência interrompida*: Pai - Atira a bola ao pai. R/ a criança avança para outro brinquedo; *sequência expansiva*: Filho - Éte. R/ É este; *sequência extensiva*: Filho - Pressiona suavemente uma tecla. R/ Pai: Faz com mais força para dar som.); **3** - Sequências não-verbais interativas: interações onde nenhum dos parceiros verbaliza ou vocaliza (a subdivisão em 4 categorias segue a mesma lógica das sequências verbais); **4** - Afetos verbais: comportamentos afetivos expressos em palavras e acompanhados de uma tonalidade afetiva evidente (expressão facial e/ou tonalidade de voz) dentro das seguintes categorias: elogio, reforço positivo, reforço negativo e reforço neutro; **5** - Afetos não-verbais: comportamentos, atitudes, vocalizações ou gestos impregnados de uma tonalidade afetiva evidente (expressão facial e/ou tonalidade de voz) dentro das seguintes categorias: expressão facial atenta, sorridente (genuína); expressão facial estática, aborrecida ou zangada; toque positivo, toque negativo, toque indireto, vocalização positiva, vocalização negativa ou discrepante, fuga ou evitamento; **6** - Dimensões do jogo: posicionamento do jogo segundo os níveis de desenvolvimento preconizados por Vygotsky; **7** - Tipo de jogo: 1 - expressivo comunicativo; 2 - simbólico; 3 - movimento; 4 - lógico matemático; 5 - exploração do mundo (segundo das capacidades socio-emocionais, cognitivas e motoras requeridas para idade).

A cotação obedeceu a um critério de análise multidimensional, i.e. considerando-se a dimensão comportamental, afetiva e contextual das respostas, e o comportamento de cada interveniente foi cotado de acordo com a prestação do seu interlocutor, i.e., de acordo com o funcionamento diádico e atendendo ao próprio contexto. Esta grelha de análise permitiu uma síntese quantitativa dos resultados. O estudo qualitativo focou-se nos aspetos semióticos das interações - construção e reconstrução da significação - a partir dos elementos verbais e não-verbais da comunicação.

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os estudos das relações precoces têm incidido sobretudo as díades mãe-filho(a). Os mais recentes trabalhos de investigação, incluindo já díades pai-filho(a), levantam hipóteses sobre a existência de particularidades nestas interações que continuam por deslindar e que escapam aos instrumentos de análise da relação mãe-filho(a) (Faria, 2011, p. 143). O nosso trabalho na sua vertente etológica indaga acerca dos aspetos característicos que distinguem estes dois tipos de interação. Os resultados foram discutidos numa perspetiva comparativa: interações mãe-filho(a) versus pai-filho(a). Dentre eles destacam-se: **1** - As mães recorrem mais à linguagem verbal na interação com os seus filhos (i.e. falam mais vezes e durante mais tempo) do que os pais e, usam com maior frequência sequências verbais de natureza expansiva (i.e. aceitantes das ações ou verbalizações da criança, concomitantemente com correções ou aperfeiçoamentos). Alguns exemplos: a) a criança diz “Pi” e a mãe responde “Pei_xi_nhos”; b) a criança pressiona uma tecla produzindo som e fica com o dedo sobre a tecla, ao que a mãe responde “Outro” e agarrando o braço da criança orienta-lhe o dedo para a tecla do lado; a criança olha para os dois brinquedos que a mãe lhe apresenta dizendo “Qual é que tu queres?” A criança agarra os dois e a mãe responde “Os dois!”. Estas sequências são facilitadoras das verbalizações das crianças, pelas dimensões de reforço de modelagem que comportam. A mãe, ao aceitar o que a criança verbaliza/faz, fá-la sentir-se compreendida na sua intencionalidade comunicativa/lúdica, o que propicia a continuidade da interação dentro de uma cena de atenção conjunta. Ao mesmo tempo, ao acrescentar correções à fala/gestos da criança potencializa o desenvolvimento. Concordante com outras investigações, as mães utilizam especificidades comportamentais que permitem à criança uma maior aproximação fonética à língua e um maior enriquecimento semiológico. **2** - As sequências verbais de natureza interrompida situam as interações dos pais acima das mães. Estudos anteriores indicam que os pais têm uma linguagem verbal mais assertiva, instrutiva e intrusiva (Faria, 2011, p. 90). Alguns exemplos deste trabalho: a) a criança inclina-se para um brinquedo e pressiona uma tecla (sem conseguir som) ao que o pai responde afastando o referido brinquedo (que a criança segue com o olhar) e, ao dispor um outro à sua frente chama-a pelo seu nome “Leonor”; b) o pai solicita durante 13 segundos o brinquedo vaca, com diversas verbalizações e gestos, enquanto a criança agarra diferentes objetos e explora-os antes de os largar. Podemos ver nestas interações uma assertividade não associada ao controlo da atividade, porque vemos as crianças agir em negociação, sem birras, e não parecem sentir-se pressionadas ou coagidas. Dado que a negociação faz parte das competências requeridas para a socialização e, é uma componente do sistema de autorregulação emocional das crianças, estes resultados apontam para o aporte positivo destas características no desenvolvimento das crianças. Verificamos ainda, que estas sequências interrompidas coincidem com a possibilidade que os pais vão dando à aprendizagem por ensaio e erro. **3** - Os pais usam mais a linguagem não-verbal do que as mães, mais vezes e mais tempo. Poderá esta característica espelhar uma particularidade da sensibilidade dos pais, marcada por competências interativas não-verbais? Intuímos que numa intenção de reciprocidade interativa com os filhos, a redução da atividade verbal poderá facilitar a deteção dos sinais de interesse da criança, e pela mesma via facilitar segui-la nos seus interesses. E, ainda, talvez os pais tenham mais facilidade em dar

continuidade às interações com os filhos sem o suporte verbal, esperando silenciosamente pelas suas ações. Alguns exemplos: a) o pai mostra um livro à criança que o olha mas retoma o brinquedo anterior. O pai volta uma página do livro e a criança apanha uma peça de encaixe solta do mesmo livro. O pai agarra noutra peça solta do livro e encaixa-a. A criança agarra noutra brinquedo e olha em direção a uma caixa de legos. O pai levanta a tampa da caixa dos legos e a criança agarra-a e pousa-a. O pai apresenta à criança outro brinquedo e pousa-o um pouco distante. A criança esticando-se alcança esse brinquedo e os dois focam a atenção num interesse comum. b) o pai diz “Ai lin_do!” e orienta o brinquedo para a criança o ver de frente. A criança pega no brinquedo e o pai pergunta “O que queres fazer?” A criança roda uma aplicação do brinquedo. O pai encaixa dois brinquedos similares ao que a criança tem nas mãos e estendendo-os para ela diz “Encaixa aqui, olha”. A criança desencaixa os brinquedos que o pai lhe deu, explora-os para ver as aplicações que estes têm numa das superfícies. A criança tenta encaixar os brinquedos mas não consegue e retoma a exploração das aplicações. O pai incita verbalmente “Vê se consegues encaixar. Faz”. A criança sacode várias vezes os brinquedos produzindo barulho. O pai coloca um encaixe maior com a abertura voltada para o encaixe mais pequeno que a criança tem na mão, de maneira a facilitar a entrada do brinquedo da criança no seu. A criança tenta o encaixe mas não consegue. A criança pega nos dois encaixes e olha para dentro dos mesmos. O pai levanta outro brinquedo e pousa-o. A criança bate com os encaixes um no outro e tenta novamente o encaixe ao que o pai pergunta “É?” e sorri abertamente. A criança roça os encaixes um no outro e sorri - continua a manipular os encaixes. **4** - A comunicação não-verbal das mães reveste-se de maior expressividade (e.g. modulação vocal, expressões faciais, postura física) do que a dos pais. Estes dados confluem na linha de estudos de Freitas-Magalhães (2009) que refere que o sorriso das mulheres prende-se com o ato comunicativo “de exteriorização de sentimentos, de aproximação e de intimidade, os quais sustentam o afeto e a ternura” (p. 112). **5** - Pais e mães passam 1/4 do tempo de brincadeira a reforçar positivamente os seus filhos. Seria interessante analisar se pais e mães se distinguem no uso do reforço positivo para os comportamentos verbais ou não verbais das suas crianças. Sendo as mães mais verbais do que os pais, e os pais mais não-verbais do que as mães, será que também reforçam diferentemente os comportamentos verbais e não-verbais dos filhos? **6** - Os reforços neutros, apesar de poucos, são superiores nos pais (mais vezes e durante mais tempo) i.e., algumas das suas verbalizações são difíceis de perceber quanto à intencionalidade. Não percebendo a função do reforço, as crianças podem responder de modo não correspondente ao esperado pelos pais, o que também pode explicar a supremacia das sequências interrompidas nestas díades. **7** - As brincadeiras mães-filhos e pais-filhos distribuem-se equitativamente pelos três níveis de desenvolvimento, e de modo equivalente para pais e mães. A análise microanalítica das interações permite no entanto encontrar particularidades interessantes no comportamento das mães, onde se destaca a estruturação do ambiente de jogo: expor os brinquedos ao alcance das crianças, montá-los ou desmontá-los (quando se trata de encaixes) para a criança ver antecipadamente de que tipo de jogo se trata, arrumar o espaço para focar a atenção da criança num tipo de brincadeira. Já os pais tendem a: a) dar instruções verbais de funcionamento dos brinquedos (e.g. “ Mete este lá dentro, este aí”; “Põe aqui olha, o vermelho”; “E agora para abrir a caixinha? Para abrir é aqui, ó”; “Devagarinho”); b) agir servindo de modelo do como se faz (e.g. fazer construções de legos à frente da criança - sem verbalizar - enquanto ela lhe vai dando as peças; “O que é esse? Como é que funciona?” e depois mostra à criança - sem verbalizar - como fazer). **8** - A comunicação afetiva da criança com os pais, quando interessada e satisfeita com a brincadeira é pouco intensa - parece mais centrada nos objetos e suas funcionalidades. Tem pouca expressividade facial, apesar da satisfação que se percebe pelo envolvimento e pelo elevado nível de vocalizações positivas. Será que nesta idade a curiosidade e o interesse na exploração do mundo ativam modelos comportamentais não associados aos modelos comportamentais dos jogos expressivo-comunicativos?

Quando analisamos as dimensões do jogo, percebemos que pais e mães desempenham uma função facilitadora do desenvolvimento dos seus filhos - cerca de 1/3 do tempo do jogo - interagindo com eles na zona de desenvolvimento proximal. Pais e mães dão aos filhos indicações do modo como fazer, corrigem imperfeições, servem de modelos, aumentando a possibilidade da criança vir a conseguir sozinha, posteriormente, desempenhos com sucesso. Estas interações estão orientadas para um objetivo, e as novas estratégias e novas relações semióticas para a criança ocorrem nesta zona. Nas brincadeiras dentro do nível de desenvolvimento, pais e mães passam cerca de 1/3 do tempo nessa dimensão do jogo. As crianças brincam sozinhas, sem solicitar ajuda, e parecem não necessitar dela para estarem satisfeitas e brincar como pretendem. É como se as competências já adquiridas lhes fossem suficientes para a satisfação que obtêm no momento presente. Pais e mães não parecem distinguir-se quanto a esta característica.

A atividade lúdica abaixo do nível de desenvolvimento ocupa outro 1/3 do tempo total de interação. As crianças têm comportamentos de uma fase de desenvolvimento anterior (e.g. chupar objetos, olhar demoradamente as pessoas presentes na sala com um sorriso cativante, atirar objetos ou sacudi-los sem finalidade de descoberta). No caso dos pais, podemos supor que o seu menor acompanhamento verbal nas interações deixe os filhos menos “andaimados” para levar a cabo atividades que lhes sejam mais difíceis. Outra hipótese de leitura orienta-se pelo modelo de maturação dinâmica de Crittenden (1997): se aos 15 meses a criança já é capaz de adotar estratégias comportamentais de negociação com os pais (e.g. escolher o seu brinquedo, usar o brinquedo à sua maneira) comunicando com eles para expressar a sua escolha (Faria, 2011, 152), será que quanto mais ela for seguida nos seus interesses mais perdure (e até invista) em jogos de um nível de desenvolvimento superior?

Quanto aos tipos de jogo salienta-se a exploração do mundo. No caso dos pais, ele ocupa mais de 1/2 do tempo total da brincadeira e nas mães 1/2 do tempo. Estes dados podem coadunar-se com as dimensões do jogo. Será que pais e mães leem na exploração do mundo que as suas crianças fazem uma atividade onde elas descobrem por si mesmas e precisam menos de ajuda? Sabendo que cada parceiro traz para a interação expectativas em relação ao comportamento do outro e formas estereotipadas de interpretar esses comportamentos, poderemos estar perante uma situação em que as expectativas dos pais induzam nesta direção as suas ações (Aguiar, 2009, 19).

Considerações Finais

Os resultados do nosso trabalho confirmam a existência de características diferentes nas interações dos pais e das mães quando brincam com os seus filhos. Brincar, para além de uma “atividade lúdica ou promotora do desenvolvimento é também uma atividade afetiva, social e relacional” (Faria, 2011, p. 165). E se os modos de interação tendem a ser diferentes, as funções que elas cumprem atingem os mesmos objetivos, que são a qualidade da comunicação pais-filhos. O nosso estudo aponta assim para a mesma competência interativa pais-filhos e mães-filhos, numa qualidade relacional promotora do desenvolvimento e do bem-estar da criança. Pela sua natureza exploratória e descritiva o presente estudo permite complementar a investigação quantitativa, não obstante, não é generalizável dado o reduzido número da amostra.

Uma das dificuldades encontradas prende-se com as contagens dos tempos. Para conseguirmos medidas mais fidedignas deveríamos ter trabalhado com um equipamento que permitisse contagens mais curtas. A categoria *expressões faciais* ganharia com uma distinção rosto de adulto/rosto de criança porque um adulto pode com relativa facilidade exibir uma

“falsa” alegria como a criança uma “falsa” cara neutra. Outra dificuldade, mas que também constituiu a riqueza deste estudo, esteve na cotação das narrativas já que optamos pela *multidimensionalidade* dos comportamentos (verbais e não verbais) aplicando-lhes a mesma grelha de análise. Cada interação foi sempre ponderada em função dos comportamentos verbais e não-verbais dos parceiros (i.e., não apenas em função da intenção do agente) o que exigiu minúcia e interpretação, parecendo-nos muitas vezes que a transcrição omitia toda uma informação suprasegmental (prosódia, acento, silêncios) no entanto considerada.

Apesar das limitações do trabalho, confirma-se a importância de pais e mães, indistintamente, consagrarem tempo às atividades lúdicas com os seus filhos. Estas atividades caracterizam-se por a) estarem impregnadas de trocas de afetos, e de uma segurança básica que potencializa a exploração do mundo por parte da criança; b) decorrerem geralmente em contextos familiares (casa da criança ou de familiares próximos), tecidas com as tarefas próprias do cuidar, do alimentar, do arrumar, entre muitas outras. Estas características promovem a disponibilidade e confiança da criança para a aquisição de novas competências e uma base segura afetiva. Ressalta do trabalho o modo como pais e mães perspetivam a natureza agentiva da criança, estando atentos à interação, reconhecendo e incentivando o seu contributo e ajustando-se aos seus comportamentos. Pais e mães interagem com gestos e palavras construindo e reconstruindo significação, ajustando-se recíproca e continuamente. Estas brincadeiras são ocasiões por excelência de relacionamento e de aprendizagem!

Referências bibliográficas

- Ainsworth, M. D., Blehar, M., Waters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment - A psychological study of the Strange Situation*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Aguiar, C. (2009). *Comportamentos interativos maternos e envolvimento da criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- Almeida, I. (2009). *Estudos sobre a Intervenção Precoce em Portugal: ideias dos especialistas, dos profissionais e das famílias*. Lisboa: Instituto Nacional para a Reabilitação, I.P.
- Bowlby, J. (1969/1982). *Attachment and Loss* (Vol. I). London: Penguin Book.
- Bowlby, J. (1980). *Attachment and Loss* (Vol. III). London: Penguin Book.
- Bronfenbrenner, U. & Evans, G. W. (2000). Developmental Science in the 21st century: Emerging questions, theoretical models, research designs and empirical findings. *Social Development*, 9, 1, 115-125.
- Bronfenbrenner, U. & Morris, P. A. (1998). *The ecology of developmental process*. In W. Damon (Series Ed.), & R. M. Lerner (Vol. Ed.), *Handbook of child psychology*. I, Theoretical models of human development. Nova York: Willey Press.
- Cameron-Faulkner, Lievin, E. e Tomasello, M., (2003). A construction based analysis of child directed speech. *Elsevier*, 27, 843-873.

- Crittenden, P. M. (1995). Children's strategies for coping with adverse home environments: an interpretation using attachment theory. *Child Abuse & Neglect*, 16, 329-343.
- Crittenden, P. M. (1997). Toward an integrative theory of trauma: a dynamic-maturational approach. In D. Cicchetti & Toth (Eds.), *The Rochester symposium on Developmental*.
- Crittenden, P. M. (1999). A dynamic-maturational approach to continuity and change in pattern of attachment. In J. I. Vondra & D. Barnett (Eds.), *Atypical attachment in infancy and early childhood among at developmental risk. Monographs of the Societt for Research in Child Development*, 258, 64, 145-171.
- Faria, A. (2011). Continuidade e desenvolvimento dos processos de vinculação à mãe e ao pai durante os primeiros 18 meses de vida. Tese de Doutoramento. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto: Porto.
- Freitas-Magalhães, A. (2009). *A psicologia do sorriso humano*. Edições Universidade Fernando Pessoa: Porto.
- Fuertes, M., Faria, A., Soares, H., Oliveira-Costa, A., Corval, R., & Figueiredo, S. (2009). *Dois parceiros, uma só dança: contributos do estudo da interação mãe-filho para a intervenção precoce*. In G. Portugal (Ed.), *Ideias, projectos e inovação no mundo das infâncias: o percurso e a presença de Joaquim Bairrão*, 127-140.
- Fuertes, M. Lopes dos Santos, P., Beeghly, M., & Tronick, E. (2009). Infant coping and maternal interactive behavior predict attachment in a portuguese sample of health Preterm Infants. *European Psychologist*, 14, 4, 320-331.
- Sameroff, A., & Fiese, B. (2000). Transactional regulation and early intervention. In J. P. Shonkoff, & S. J. Meisels (Eds.), *Handbook os Early Childhood Intervention*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Tomasello, M. (2003). *Constructing a Language: A Usage-based Theory of Language Acquisition*. Harvard: Harvard University Press.
- Tomasello, M. (2010). *Human communication is thus cooperative to the core, and it helps in coordinating collaborative activities as well*. MIT Press, Cambridge Massachusetts.
- Vygotsky, L. S. (1978). *Mind in Society*. The development of higher psychological processes Cambridge, Mass.: Harvard University Press.